



Laboratórios Didáticos da Faculdade de Educação da USP (LabEduc)

Laboratório de Ciências Humanas e Meios de Condução de Trabalhos Práticos e

Similares (LabCH)

Cinema e o Ensino de História

Coordenação: Profa. Dra. Dislane Zerbinatti Moraes

Autoria: Jaqueline Oliveira dos Santos

Narradores de Javé

Filme brasileiro dirigido por Eliane Caffé, cineasta paulistana diretora de *Kenoma* (1998) e *O Sol do Meio Dia* (2009), e cuja estreia nos cinemas nacionais se deu em janeiro de 2004; *Narradores de Javé* é uma obra sobre a memória e a capacidade criativa e criadora do povo da fictícia Javé - mas que remete a outros agrupamentos e localidades do Brasil. Conta a história dos moradores de Javé ameaçados pela construção de uma usina hidrelétrica em suas proximidades: Javé seria, portanto, alagada por conta desse empreendimento. Para evitar essas possíveis mudanças um de seus moradores, Zaqueu (Nelson Xavier), propõe que se escreva a história da cidade de modo a provar para as autoridades sua importância e valor histórico. Dentre uma população que na sua quase totalidade não lê ou escreve com autonomia, a tarefa de registrar a história de Javé ficou por conta de Antonio Biá (José Dumont), um dos moradores da cidade. No entanto, Biá havia sido expulso pelos moradores da cidade por conta de uma série de mentiras que ele inventou com o objetivo de manter seu emprego no Correio local: numa cidade que mal havia correspondências a entregar, ele enviava cartas para os moradores com histórias mirabolantes... O inusitado do convite, e do perfil do cronista eleito para a tarefa, dá o tom do desafio de investigar com os moradores mais velhos suas memórias e conferir a elas o tom "científico" exigido para o objetivo de salvar Javé da destruição.

Durante a história que nos é contada na maior parte do tempo em *off* pelo personagem Zaqueu, que inicia narrando tais acontecimentos a um grupo de pessoas num boteco de beira de estrada - e assim conhecemos o que ocorreu em Javé e seus desdobramentos; a temática da memória, local e afetiva, ganha força. Antonio Biá vai de casa em casa perguntar aos nativos suas memórias sobre a história de Javé e nesse esforço é possível observar a variedade de versões da fundação da cidade, quais teriam sido os personagens centrais, por exemplo. É

importante ressaltar que lembrar e esquecer são ações que se dão no presente: é no tempo de agora que cada um de nós reelabora aquilo que se passou. Por outro lado, e como implicação da ideia que rememorar é uma ação presente de cada sujeito, a posição social, as mudanças culturais, o pertencimento étnico, enfim, as trajetórias das pessoas produzem efeitos sobre as memórias que serão por elas (re)elaboradas e compartilhadas.

Memória e o tempo presente

[...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas fazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. [...] Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nosso juízo de realidade e de valor [...]

Trecho retirado de *Memória e Sociedade - Lembranças de velhos*, Ecléa Bosi, p. 55.

As muitas histórias que as pessoas contam - e o que nos contam sobre a história local

A pesquisa em história que faz uso da história oral e sua metodologia se vê diante dos desafios de investigar os fatos históricos por meio da produção do documento oral - as memórias daquele que relata. Assim, se é legítimo e importante para a investigação histórica pensar e lidar com o documento oral, inclusive como um caminho de ampliar seu olhar para outros sujeitos históricos, é fundamental refletir sobre as possibilidades e características que essa documentação oferece ao historiador ou professor: as trajetórias daquele sujeito que narra, suas relações com o relatado, a busca por compreender o contexto mais amplo no qual o sujeito se insere e sobre o qual fala, entre outros pontos. Tais cuidados permitem que possamos nos aproximar das memórias partilhadas naquilo que trazem de único, a singularidade de quem fala, e também do que pode informar sobre contextos mais amplos. Ao tratar com os alunos de atividades com entrevistas ou das especificidades da memória, ou mesmo do enredo do filme aqui tratado, nos parece fundamental problematizar esses elementos de maneira que seja possível a eles estabelecer a crítica daquilo que é dito.

Outro ponto de destaque da obra, e que se relaciona à problemática da memória e da documentação oral, é a impossibilidade de atingirmos uma verdade única, absoluta. Se partimos da ideia inicial que os atos de lembrar e esquecer se dão no tempo de hoje e estão relacionados com as trajetórias sociais e de vida daquela pessoa que relata, há a possibilidade de diferentes versões de uma história. No caso do filme, as diferentes versões sobre a origem heroica de Javé.

Múltiplos pontos de vista e as histórias ali engendradas - e recontadas

"Já no primeiro depoimento, nos deparamos com o nome elementar para o povo de Javé, o herói fundador do povoado: Indalécio. Segundo o primeiro narrador, Indalécio guiou o povo *"que saiu fugido de suas terras no sul porque o rei de Portugal os expulsou para pegar o ouro"*, até o vale. No depoimento seguinte, a figura de Indalécio é diminuída e até ridicularizada, sendo Mariadina a grande heroína fundadora, a guia do povo por ocasião da longa convalescença de Indalécio. Segundo o relato, Mariadina, *"esquecida na história por ser mulher"*, enfrentou com bravura as dificuldades do caminho, encontrou o Vale, *"cantou as divisas"* e estabeleceu ali o seu povo. Num outro relato, Indalécio, apesar da tremenda diarreia, guiava bravamente o povo pelo caminho agreste, até que encontrou uma feiticeira louca chamada Mariadina, que lhe profetizou a chegada ao vale. Em um dado momento do filme, Indalécio se torna Idalécio e depois Indaleo, e Mariadina se torna Oxum. Qual dessas versões é a verdadeira? Qual delas merece e deve ser registrada? É se digladiando com estas dúvidas que Biá não escreve sequer uma página do livro-histórico e o futuro do Vale parece ser a inundação."

Fonte do texto: Plano Crítico, *Narradores de Javé*

< <http://www.planocritico.com/critica-narradores-de-jave/> > Acesso em 20/09/2016

Antonio Biá faz um contraponto sobre a escuta das histórias contadas pelos moradores e se seria viável, ou mesmo desejável, registrá-las: ele acompanha os relatos, afirma e reafirma que irá guardá-los de memória e depois escrever o que lhe foi dito. Entretanto, ao enfrentar a tarefa da escrita, recua e desiste: pela impossibilidade de confrontar as diferentes versões e assim elaborar uma narrativa da cidade e, por outro lado, por questionar a efetividade de uma história escrita de Javé frente ao que define como o "progresso" e, portanto, a construção da usina e a represa que irá alagar a cidade. Os desafios da pesquisa histórica, e dos compromissos daqueles que a elaboram e o tempo presente, as relações presentes, poderão ser discutidas com os alunos a partir de alguns excertos do filme. Ao final

desse texto há a sugestão de um *site* que informa algumas passagens da história contada em *Narradores de Javé* e as alternativas de enfoques temáticos que podem suscitar.

Javé, patrimônio cultural

Quando Zaqueu contou aos habitantes de Javé que a cidade estava ameaçada pela construção de uma usina hidrelétrica, e sua represa, afirmou que a única alternativa possível de salvação seria provar o valor histórico do lugar - tombá-la como patrimônio cultural. Para isso, propõe a escrita da história de Javé e a coleta das memórias de seus moradores mais antigos. É possível conversar com a turma, ou desenvolver um planejamento mais longo, a partir da questão do patrimônio cultural entendido como fonte histórica e elo entre gerações com vistas a uma preservação das características historicamente constituídas no lugar e comunidade. Regina Ribeiro em sua pesquisa de Mestrado defendida em 2006 partiu da hipótese que o patrimônio cultural pode ser um mote para relações das crianças com a disciplina História, seus modos de pesquisa e conceitos fundamentais. Nesse sentido, propôs e analisou situações com uma turma de crianças da antiga quinta série sobre o patrimônio local de seu bairro localizado na zona leste da cidade de São Paulo. Para a pesquisadora, as investigações sobre a história local e seus lugares significativos são caminhos para a construção de conhecimentos históricos, e a compreensão sobre como se dá a construção de tais conhecimentos, além de se constituir como possibilidade de diálogo entre os contextos locais e aqueles mais amplos e, por fim, respeitar as histórias dos alunos e sua capacidade de aprender.

De modo semelhante, Ivo Matozzi, pesquisador e especialista das relações entre patrimônio e ensino de História, afirmou em entrevista à revista *Nova Escola* a potencialidade de abarcar no planejamento a perspectiva patrimonial.

O que deve ser feito antes de uma visita a um bem cultural para uma experiência mais construtiva?

Foram feitos estudos sobre qualquer bem cultural ou patrimônio. O professor deve fazer essa leitura e, com base nela, eleger conteúdos relacionados para trabalhar. O próximo passo é apresentar o tema à sala e dizer: "Iremos ao museu, a um lugar, uma cidade, e devemos saber o que estamos indo ver e como iremos ver". Ele precisa ainda preparar um guia de observação e análise. Portanto, os alunos vão olhar, responder às perguntas de modo a observar os aspectos dos bens culturais que são necessários para o desenvolvimento da experiência, tirar fotos e depois voltar à sala de aula para continuar com o trabalho de interpretação e de produção da informação e, assim, construir conhecimento.

Fonte: < <http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/possivel-ensinar-historia-bens-culturais-todo-professor-historia-deveria-utiliza-los-aulas-disciplina-771151.shtml>>
Acesso em 20/09/2016

O patrimônio cultural, como dito acima a propósito da pesquisa desenvolvida por Ribeiro, possui a faceta de contribuir com os vínculos entre gerações diferentes, temporalidades diversas que podem se encontrar e dialogar no tempo presente. Para que tal encontro ocorra, as novas gerações precisam tomar contato com esses objetos e locais da cultura e história do país, relacionar esses elementos com suas histórias e contextos mais amplos. Javé, a cidade ameaçada de destruição sob as águas, enfrentou ao longo do filme o perigo de seu desaparecimento, da perda de sua identidade, por meio de um esforço de constituir sua história e legar algo significativo para seus moradores e os demais (ali, principalmente as autoridades e Estado).

Para Saber Mais:

- *Trailer do filme disponível na web:*

< <https://www.youtube.com/watch?v=9aS6thRFpCA> > Acesso em 20/09/2016

- *Para saber mais sobre a ficha técnica do filme e informações sobre direção, roteiro, elenco, galeria de imagens e curiosidades:*

Site em inglês: <http://www.imdb.com/title/tt0355809/> Acesso em 20/09/2016

Site em português: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52182/> Acesso em 20/09/2016

- Para ler algumas resenhas com mais informações sobre a história e opiniões de seus autores:

<http://www.cinereporter.com.br/criticas/narradores-de-jave-os/> Acesso em 20/09/2016

<http://www.cinemaemcena.com.br/Critica/Filme/6600/narradores-de-jave> Acesso em 20/09/2016

<http://www.planocritico.com/critica-narradores-de-jave/> Acesso em 20/09/2016

- O portal da *Secretaria Estadual de Educação do Paraná* tem uma seção dedicada aos educadores com ideias de abordagens de História e Cinema. No que diz respeito ao filme *Narradores de Javé*, destacam aspectos como sujeitos da história, papéis de gênero, a escrita da História, entre outros, com sugestões de passagens do filme para tal.

<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=17353> Acesso em 20/09/2016

- Íntegra da entrevista de Ivo Matozzi concedida à revista *Nova Escola*, editora Abril.
<http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/possivel-ensinar-historia-bens-culturais-todo-professor-historia-deveria-utiliza-los-aulas-disciplina-771151.shtml> Acesso em 20/09/2016

- Referências completas dos textos citados.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RIBEIRO, Regina Maria. **A máquina do tempo: representações do passado, história e memória na sala de aula**. 2006, 272 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006.